

UMA CELA COM VISTA

MOMENTO 1 - O DESPERTAR E O RITUAL

Luz fria da manhã. A câmera fixa observa a claridade infiltrando-se lentamente pelas frestas da persiana. O som de um rádio distante – um casal discutindo banalidades num andar vizinho. O personagem desperta, deitado de lado, sem pressa. Não há relógio visível; o tempo parece suspenso. Ele vai até a cozinha e prepara café com gestos lentos e precisos. Duas xícaras. A segunda, ele guarda no armário, sem hesitar. A câmera se detém no vapor que sobe da caneca – um resíduo de presença.

***Plano fixo longo:** Mais de 30 segundos. O som do café pingando substitui a trilha sonora.*

***Rubrica simbólica:** A alma desperta junto com o corpo, mas ainda busca o eco da dualidade. O café é o primeiro rito de individuação: a aceitação do "um".*

MOMENTO 2 - O MUNDO COMPARTILHADO

Na rua, o personagem caminha em silêncio. A câmera alterna entre o rosto impassível e detalhes-evidência: mãos que se tocam, risadas cúmplices, sacolas compartilhadas. Tudo é cor, movimento, som – mas ele caminha dentro de um campo silencioso, como se o ruído estivesse submerso. Em vitrines e reflexos de ônibus, ele se vê entre os outros, uma presença sem interlocutor.

***Plano sequência de rua:** Som ambiente realista, levemente abafado, como ouvido de dentro do corpo.*

***Rubrica simbólica:** O inconsciente coletivo se manifesta na paisagem urbana. Ele é o observador do mito moderno: a comunhão dos que não se olham.*

MOMENTO 3 - ARQUEOLOGIA DOMÉSTICA

Interior – tarde. O personagem abre uma caixa de papelão guardada no alto de um armário. Dentro, fotos, cartas, pequenos objetos. A câmera filma de cima, como um registro

de escavação. Não há música. Ele pega uma fotografia e a examina como um antropólogo examina um fragmento de cerâmica. A expressão é neutra. Ele escreve algo num papel: "Prova nº 17 - gesto de permanência." Guarda a anotação junto com a foto.

Plano médio: *Luz difusa. O som é o leve ranger da cadeira e o ruído do papel.*

Rubrica simbólica: *O passado é transmutado em dado, não lembrança. A consciência transforma o trauma em símbolo.*

MOMENTO 4 - SUPERMERCADO

Som ambiente de refrigeradores e vozes indistintas. A câmera segue o personagem entre gôndolas. Ele passa por um homem de frente para a geladeira de iogurtes segurando uma lista de compras feita com caligrafia de criança em uma folha com um desenho. Na área de hortifrutis ele nota um casal idoso escolhendo frutas com ternura e paciência. Um plano prolongado no rosto deles - o tempo se estende até o desconforto. Depois, o corte: o olhar dele, sereno e atento, como quem reconhece uma língua que já não fala. Ele troca uma embalagem "tamanho família" por uma menor. A câmera se aproxima de suas mãos - os dedos deslizando com precisão ritual. Corta para casa, onde ele descasca uma única maçã. A lâmina desliza, a casca cai inteira. Um suspiro audível.

Plano fixo da maçã cortada ao meio: *Som de respiração e lâmina na madeira.*

Rubrica simbólica: *O gesto repetido torna-se liturgia. O suspiro é a alma soprando o machucado.*

MOMENTO 5 - A LÂMPADA E O LIVRO

Noite. O apartamento está quase escuro. Ele acende uma única lâmpada - uma ilha de luz cercada de sombras. Na mesa, um livro aberto. Dentro, notas manuscritas:

"A liberdade é uma cela espaçosa que tem vista para o mar. Hoje, o vazio tinha o peso exato de uma xícara de chá."

Ele lê devagar. A caligrafia não é sua. Pausa. Respira. Fecha o livro com solenidade - não com tristeza, mas com respeito.

A câmera permanece imóvel. O som do fechar das páginas ecoa no silêncio.

Rubrica simbólica: *A alma fala pela caligrafia alheia. O self envia mensagens cifradas através de fragmentos do passado.*

MOMENTO 6 – O ENCONTRO FINAL

Ele observa da janela – plano subjetivo. Uma pessoa sai de um carro, rindo, depois de um jantar. A rua é dourada, a luz é quente. O personagem não julga. Apenas reconhece. A câmera volta ao seu rosto – olhar calmo, ciente da distância. Por um instante, o mundo interno e o externo se equilibram.

Plano longo: *Pequena oscilação de foco. O tempo parece suspenso.*

Rubrica simbólica: *O arquétipo da comunhão é reintegrado como imagem, não como necessidade. Ele não precisa mais pertencer para compreender.*

MOMENTO 7 – A PORTA

Manhã. A câmera segue o personagem saindo de casa. Os mesmos gestos do início. Os mesmos detalhes nas ruas – agora vistos sem dor. Ele carrega uma serenidade leve, quase invisível. Ao retornar, fecha a porta. A câmera permanece fixa, do lado de fora. Silêncio. A luz do corredor vibra levemente. Demora alguns segundos a mais do que o confortável.

FADE TO BLACK